



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS BARRA DO CORDA
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA

NAYARA ANDRADE TOMAZ DE ARAUJO

GLOSA E PARAFRASAGEM EM PERSPECTIVA SEMÂNTICA-OPERATÓRIA:
análise comparativa de procedimentos

BARRA DO CORDA-MA
2026

NAYARA ANDRADE TOMAZ DE ARAUJO

GLOSA E PARAFRASAGEM EM PERSPECTIVA SEMÂNTICA-OPERATÓRIA:
análise comparativa de procedimentos

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Barra do Corda, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Isael da Silva Sousa

BARRA DO CORDA-MA
2026

Araujo, Nayara Andrade Tomaz de

Glosa e parafraseagem em perspectiva semântica-operatória: análise comparativa de procedimentos. / Nayara Andrade Tomaz de Araujo. – Barra do Corda, MA, 2026.

20 f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Barra do Corda 2026.

Orientador: Prof. Dr. Israel da Silva Sousa.

1.Glosa. 2.Parafraseagem. 3.TOPE. 4.Construção de sentido. I.Título.

CDU: 81'42

NAYARA ANDRADE TOMAZ DE ARAUJO

GLOSA E PARAFRASAGEM EM PERSPECTIVA SEMÂNTICA-OPERATÓRIA:
análise comparativa de procedimentos

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Barra do Corda, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Aprovado em 12 de janeiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Isael da Silva Sousa (Orientador)

Doutor em Linguística
Universidade Estadual do Maranhão

Elza Moreira Alves

Doutora em Linguística
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

Max Mateus Moura da Silva

Mestre em Linguística
Universidade Estadual do Maranhão

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e à minha família, onde o amor construiu sentidos antes de qualquer teoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me fortaleceu e conduziu com sabedoria ao longo desta trajetória. Em Provérbios 16:3: “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos”, reconheço que esta conquista é fruto da fé, da dedicação e do apoio daqueles que caminharam comigo ao longo desta trajetória.

Aos meus pais, Eliana e Genival, expresso minha profunda gratidão por nunca soltarem minha mão, por todo o cuidado, cada palavra de incentivo e cada oração. Esta conquista é fruto do amor incondicional de vocês.

Às minhas queridas irmãs, Natália e Natália, agradeço pelo incentivo constante e pela compreensão, que foram fundamentais ao longo desse percurso.

Ao Isaias, meu namorado, agradeço pelo apoio, pelo companheirismo e por caminhar comigo com tanto amor e paciência durante todo esse processo.

Às minhas amigas Ádria e Gleiciane, que me acompanharam durante todo o processo, agradeço pelo apoio e pela parceria, que contribuíram para tornar esse momento mais leve. Agradeço também às minhas amigas Bárbara e Viviane, pelo carinho e incentivo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Isael Sousa, agradeço por todo o apoio oferecido na realização deste estudo, pela dedicação, pelas orientações e pela confiança depositada em meu trabalho.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, estiveram presentes ao longo desta trajetória acadêmica, por meio de orações, incentivo e encorajamento fundamentais para a concretização desta conquista.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2 A Glosa e a Parafrasegagem na Teoria Das Operações Predicativas e Enunciativas.....	10
3 Glosa e parafrasegagem em análise	11
3.1 A Glosa e a Parafrasegagem na Semântica Operatória de “Falso”	12
3.2 A Glosa e a Parafrasegagem na Preposição e Prefixo em Português Brasileiro.....	10
3.3 A Glosa e a Parafrasegagem no Estudo das Preposições no Português Brasileiro.....	10
3.4 Glosa e a Parafrasegagem nas Considerações sobre a Concordância de Número em Português Brasileiro.....	10
3.5 Síntese conclusiva.....	10
4 Considerações finais	10
Referências	20

GLOSA E PARAFRASAGEM EM PERSPECTIVA SEMÂNTICA-OPERATÓRIA: análise comparativa de procedimentos

Nayara Andrade Tomaz de Araujo

Resumo: Com base na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida pelo linguista francês Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b) e nos estudos de seus continuadores como Rezende (2010), Pria (2009), Romero e Vilela (2020) e Franckel (2011), buscamos explicitar de que modo os procedimentos de glosa e parafrase são mobilizados por pesquisadores brasileiros de orientação culioliana. A pesquisa é de natureza bibliográfica e teórico-analítica e tem como corpus quatro artigos científicos publicados entre 2018 e 2025, que investigam diferentes objetos linguísticos do português brasileiro, a saber: o adjetivo *falso*, o funcionamento de preposições e prefixos, as relações preposicionais e a concordância de número. A partir de uma análise comparativa, buscamos descrever e discutir a maneira como quatro pesquisadores culiolianos mobilizam os conceitos de glosa e de parafrase em suas pesquisas desenvolvidas no âmbito da TOPE. Os resultados evidenciam as convergências e divergências de como os autores mobilizam os procedimentos de glosa e de parafrase para explicitar as operações semântico-enunciativas responsáveis pela construção dos valores de sentido das unidades linguísticas analisadas no âmbito da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

Palavras-chave: Glosa, parafrase, TOPE, construção de sentido.

Abstract: Based on the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), developed by the French linguist Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b), and on the studies of his followers, such as Rezende (2010), Pria (2009), Romero and Vilela (2020), and Franckel (2011), this study seeks to explicate how the procedures of glossing and paraphrasing are mobilized by Brazilian researchers working within the Culiolian framework. The research is bibliographical and theoretical-analytical in nature, and its corpus consists of four scientific articles published between 2018 and 2025, which investigate different linguistic objects in Brazilian Portuguese, namely: the adjective *false*, the functioning of prepositions and prefixes, prepositional relations, and number agreement. Through a comparative analysis, the study aims to describe and discuss how four Culiolian researchers mobilize the concepts of glossing and paraphrasing in their investigations developed within the scope of TOPE. The results reveal convergences and divergences in the ways these authors employ glossing and paraphrasing to make explicit the semantic-enunciative operations responsible for the construction of meaning values of the linguistic units analyzed within the Theory of Predicative and Enunciative Operations.

Keywords: Gloss, paraphrasing, TOPE, meaning construction.

1 Introdução

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), que é a égide da reflexão que fazemos neste artigo, proposta por Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018), compreende a linguagem como uma atividade cognitiva e enunciativa complexa, fundamentada em operações que organizam e constroem o sentido dos enunciados.

Nessa perspectiva teórica, dois procedimentos se destacam: a glosa e a parafrase. Esses procedimentos têm por finalidade explicitar as operações que estruturam a construção de sentido. Assim, as glosas enquanto “textos que um sujeito produz quando, de modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, ele comenta um texto precedente” (Culioli, 1999a, p. 74)¹; e a parafrase na concepção culioliana é de que “a cada forma de expressão, uma experiência psicossociológica diferenciada” (Rezende, 2010, p. 22). Ambas constituem instrumentos fundamentais para o linguista que deseja acompanhar os processos de construção de sentido nos enunciados.

Posto isso, buscamos responder neste artigo o seguinte questionamento: de que maneira os pesquisadores culiolianos mobilizam os conceitos de glosa e parafrase e como esses procedimentos têm contribuído para a compreensão dos processos de construção de sentido na perspectiva da TOPE? Assim, o nosso objetivo aqui consiste em descrever e discutir de forma comparativa a maneira como quatro pesquisadores culiolianos mobilizam os conceitos de glosa e de parafrase em suas pesquisas subsidiadas pela TOPE.

Portanto, partimos da hipótese de que, nos trabalhos de orientação culioliana, a glosa e a parafrase não são acionadas de forma uniforme ou estabilizada, assumindo, ao contrário, configurações diversas conforme os objetivos analíticos e o grau de apropriação teórica mobilizado por cada autor. Consideramos que, ainda que ambos os procedimentos sejam empregados como meios de exploração da invariância, sua utilização se dá de maneira diferenciada, possibilitando distintos modos de acesso às operações de linguagem.

Este artigo encontra-se estruturalmente organizado da seguinte forma: inicialmente, são apresentados os fundamentos da TOPE, com ênfase nos procedimentos de glosa e parafrase, seguidos da análise de sua mobilização em diferentes estudos. Na síntese conclusiva, discutem-se as aproximações e distinções entre os posicionamentos analíticos examinados e, nas considerações finais, realizam-se retomadas dos principais pontos do percurso desenvolvido, bem como das contribuições do estudo para o quadro da TOPE.

¹ Nous appelons ainsi ces textes qu'un sujet produit lorsque, de façon spontanée ou en réponse à une sollicitation, il commente un texte précédent. (CULIOLI, 1999a, p.74)

2 A Glosa e a Parafrasegagem na Teoria Das Operações Predicativas e Enunciativas

A TOPE descreve o funcionamento da linguagem a partir de operações cognitivas e enunciativas responsáveis pela constituição do enunciado, concebendo a linguagem como uma atividade de representação ². Nesse quadro teórico, a glosa e a parafrasegagem assumem papel central como ferramentas metodológicas do trabalho do linguista.

A glosa, tal como concebida por Culioli, corresponde a todo enunciado ou conjunto de enunciados produzidos espontaneamente por um enunciador com o objetivo de tornar explícitos determinados valores de sentido presentes no enunciado inicial. Não se trata, portanto, de uma simples reescrita ou reformulação superficial, mas de uma construção teórica elaborada pelo linguista, destinada a representar os encadeamentos operatórios que sustentam a produção do enunciado.

Desse modo, a glosa não se limita a “dizer de outra forma” o que foi dito, mas busca evidenciar, de maneira sistemática, os mecanismos subjacentes à formulação linguística, permitindo ao linguista reconstruir as operações de representação, referenciação e regulação que estruturam o funcionamento enunciativo. Logo, uma glosa é um processo que consiste em ir desdobrando o enunciado aos poucos, etapa por etapa, e por meio dessa divisão, é possível enxergar com mais clareza as operações que estruturam o enunciado, permitindo uma compreensão mais detalhada de como o sentido é construído na linguagem.

Por outro lado, a parafrasegagem, é considerada como uma operação de análise, cumpre uma função diferente. Segundo Pria (2009), trata-se de uma prática interpretativa que evidencia os sentidos possíveis do enunciado, sem renunciar aos fundamentos teóricos da TOPE. Como consequência, “toda parafrasegagem caracteriza-se por uma invariante; acontece que uma invariante é uma estrutura, quer dizer um conjunto de relações entre termos, estável sob transformação” (Culioli, 1999a, p. 46).

Dessa forma, o que define uma parafrasegagem não é a repetição formal, mas a conservação estrutural das relações semânticas e cognitivas que organizam o enunciado de base. A parafrasegagem, de acordo com Frankel (2011), deve ser entendida não como apenas troca de palavras por sinônimos, mas busca explorar os efeitos de sentido mobilizados pelo enunciado. Isso revela um aspecto da significação, já que os sentidos não são fixos e prontos, mas um processo que resultam de operações de interpretação.

Nesse sentido, enquanto a glosa busca detalhar as operações enunciativas de forma mais controlada e uma orientação mais descritiva, a parafrasegagem permite uma

² Conceber a linguagem como uma atividade de representação implica entendê-la como um mecanismo de mediação que organiza o espaço do sentido, permitindo ao sujeito estabelecer relações entre si, o outro e a realidade.

reformulação mais livre e orientada para a explicitação dos sentidos de maneira mais interpretativa, ou seja, a glosa contribui para o detalhamento técnico das operações, e a parafrasegagem aproxima esses dados do leitor, especialmente daqueles que não estão familiarizados com a linguagem formal da teoria.

Por fim, Frankel (2011) enfatiza que tanto a glosa quanto a parafrasegagem atuam como pontes entre a teoria e a prática. Elas auxiliam o linguista na organização de seu olhar sobre o enunciado e tornam o percurso analítico mais acessível.

3 Glosa e parafrasegagem em análise

Ressaltamos que este estudo é de natureza bibliográfica e teórico-analítica, centrado na investigação dos conceitos de glosa e parafrasegagem, tal como são mobilizados por pesquisadores vinculados a TOPE. Assim, o trabalho não se dedica à análise direta de unidades linguísticas específicas, mas a um exercício de reflexão teórica fundamentado na observação do funcionamento desses conceitos em produções acadêmicas de orientação culioliana.

O corpus da pesquisa é constituído por quatro artigos científicos, selecionados a partir de dois critérios principais: (i) a relevância teórica dos trabalhos para a discussão das operações enunciativas no âmbito da TOPE e (ii) o recorte temporal, com a priorização de publicações recentes, de modo a contemplar abordagens contemporâneas acerca da mobilização da glosa e da parafrasegagem. As pesquisas analisadas foram publicadas entre os anos de 2018 e 2025, todas em formato de artigo científico.

Compõem o corpus desta investigação os seguintes trabalhos: (1) *A Semântica Operatória de “Falso”*, de Albano Dalla Pria; (2) *Preposição e Prefixo em PB: uma Análise Transcategorial*, de Márcia Romero e Thatiana Ribeiro Vilela; (3) *O estudo das Preposições no PB: uma abordagem culioliana*, de Elizabeth Gonçalves Lima Rocha e Thatiana Ribeiro Vilela; e (4) *Considerações sobre a concordância de número em Português Brasileiro na égide da Teoria Enunciativa de Culioli*, de Elza Moreira Alves e Marcos Luiz Cumpri.

Quanto aos procedimentos metodológicos, após a seleção do corpus, procedeu-se inicialmente à descrição dos estudos, com o objetivo de explicitar seus pressupostos teóricos e o modo como os conceitos de glosa e parafrasegagem são mobilizados em cada pesquisa. Em seguida, realizou-se uma análise comparativa, visando identificar convergências e divergências nas formas de utilização dessas ferramentas metodológicas pelos diferentes

pesquisadores, bem como compreender os efeitos teóricos decorrentes dessas escolhas no interior da perspectiva culioliana.

Passemos, na subseção a seguir, para a nossa descrição e análise das quatro pesquisas do funcionamento semântico-enunciativo de unidades linguísticas subsidiadas pela TOPE e selecionadas para este estudo.

3.1 A Glosa e a Parafrasegagem na Semântica Operatória de “Falso”

O artigo de Pria (2018) apresenta uma análise do funcionamento do adjetivo “falso”, utilizando ferramentas conceituais e metodológicas da TOPE. O autor parte do princípio de que, diferentemente da lógica formal, a linguagem não opera com categorias fixas ou com significados prontos, mas o sentido é construído por meio de operações cognitivas e linguísticas mobilizadas na enunciação.

Para tornar visíveis essas operações, o autor opera a glosagem e parafrasegagem, revelando os diferentes caminhos de construção do sentido. A glosa é utilizada como uma forma de explicitar o funcionamento dos elementos do enunciado. Como por exemplo, o enunciado:

(4) Pedro me entregou um atestado de óbito falso.

Esse enunciado é glosado de diferentes maneiras, a depender da posição do enunciador e das operações de sentido ativadas. Vejamos:

(10) [Há] um atestado de óbito [que] foi entregue por Pedro para alguém.

(11) Pedro entregou um atestado de óbito [há alguma coisa] para alguém.

Através dessas glosas, Pria (2018) observa se o termo “atestado de óbito”, em (10) o foco está na introdução do objeto no discurso: “há alguma coisa” e enquanto em (11) o foco está na ação do sujeito Pedro. A unidade linguística “falso” ainda não aparece, mas será central no próximo exemplo, pois ele desestabiliza o que parecia estar sendo construído como referência. Essa instabilidade é explicitada em outros enunciados do corpus analisado pelo autor, como no exemplo a seguir:

(9) Pedro nos trouxe um atestado de óbito sem valor algum. Será mesmo que sua esposa está morta?

Aqui, o termo “sem valor algum” antecipa a introdução de “falso” como marcador de dúvida, ou seja, antes de se afirmar que é um “atestado de óbito falso”, é preciso que o objeto seja inserido no discurso, e é justamente esse movimento que FALSO bloqueia. O termo marca a ruptura no processo de construção da referência, como o autor destaca “FALSO é marca da dúvida (modalidade) e do bloqueio (alteridade) à construção do termo atestado de óbito” (Pria, 2018, p. 144).

Pria mobiliza o conceito de parafraseagem como instrumento analítico para reunir enunciados que compartilham uma invariante semântica, possibilitando observar os diferentes modos como os sujeitos constroem o sentido. A partir do enunciado:

(4) Pedro me entregou um atestado de óbito falso

O autor organiza uma família parafrástica composta por enunciados que compartilham a mesma estrutura semântica. Propõe uma família parafrástica com enunciados como:

(5) Pedro me entregou um atestado de óbito por ocasião da morte da sua esposa.

(9) Pedro nos trouxe um atestado de óbito sem valor algum, será mesmo que sua esposa está morta?

Essas paráfrases mostram como a mesma estrutura básica pode dar lugar a diferentes estabilizações de valores, desde a confirmação até a dúvida ou negação, revelando o trabalho interpretativo e as variações no processo de construção da significação. Desse modo, a parafraseagem, em Pria, é mobilizada como instrumento fundamental para tornar visível o trabalho de construção da significação pelas operações enunciativas.

Pria divide sua análise em três momentos: SIT0, SIT1 e SIT2. Em SIT0, há apenas uma orientação de sentido, o sujeito projeta a possibilidade de haver algo que pode ser chamado de atestado de óbito. Em SIT1, os termos começam a ser organizados linearmente para formar predicação. Em SIT2, quando se insere o termo “falso”, há um deslocamento enunciativo, o sujeito se distancia da construção anterior e coloca em dúvida a validade do termo. O trabalho com glosas e parafrases reafirma que o sentido de “falso” não é fixo, mas depende do jogo entre o sujeito, o contexto e a posição enunciativa.

3.2 A Glosa e a Parafrasegagem na Preposição e Prefixo em Português Brasileiro

No artigo *Preposição e Prefixo em PB: uma análise transcategorial*, Romero e Vilela (2020) exemplificam a mobilização articulada da glosa e da parafrasegagem na análise de unidades linguísticas como os verbos *romper* e *corromper*, a preposição *com* e o prefixo *co*. Ancoradas na TOPE, as autoras demonstram como essas ferramentas permitem tornar visíveis as operações semântico-enunciativas que estruturam o funcionamento das formas linguísticas.

Por meio da glosa, o linguista reconstrói as relações operatórias entre os constituintes do enunciado, evidenciando a maneira como tais relações se organizam cognitivamente. Esse procedimento pode ser observado na análise do seguinte enunciado:

(14) Os modernos cientistas romperam com as teorias antiquadas.

Na glosa proposta pelas autoras, *as teorias antiquadas* funcionam como retentor (a), enquanto *o fazer dos cientistas* é interpretado como retido (Z), sendo a preposição *com* parte constitutiva da operação que articula esses dois polos. Tal glosa se justifica na medida em que permite demonstrar que o valor semântico de *romper com* não decorre exclusivamente do verbo, mas emerge da relação operatória estabelecida entre o verbo e a preposição no enunciado. Desse modo, a glosa torna explícita a operação semântica que estrutura a forma linguística, contribuindo para a formalização teórica do funcionamento da linguagem na perspectiva culioliana.

Além da glosa, Romero e Vilela (2020) mobilizam o conceito de parafrasegagem como um procedimento analítico destinado a explicitar as diferentes possibilidades de sentido que se atualizam em função das condições enunciativas.

Nesse sentido, as autoras propõem a parafrasegagem de enunciados como:

- (1) O dólar rompeu a marca dos R\$ 3.
- (2) Ele rompeu com o sistema.

A análise desses enunciados evidencia que o funcionamento predicativo do verbo *romper* possibilita a construção de sentidos distintos, determinados pelas relações estabelecidas com seus complementos e pelo contexto enunciativo de ocorrência. Assim, a variação semântica não é concebida como desvio, mas como resultado das operações de representação e de regulação mobilizadas na enunciação.

Dessa forma, tanto a glosa quanto a parafraseagem são utilizadas de modo complementar na análise, permitindo ao pesquisador culioliano operar em dois níveis interdependentes: o da explicitação e formalização das operações semânticas subjacentes às formas linguísticas, por meio da glosa, e o da observação da variação dos sentidos em contextos enunciativos diversos, por meio da parafraseagem.

3.3 A Glosa e a Parafraseagem no Estudo das Preposições no Português Brasileiro

No artigo *O estudo das Preposições no PB: uma abordagem culioliana*, Rocha e Vilela (2021) analisam o funcionamento das preposições no português brasileiro a partir da TOPE. As autoras partem da concepção de que a preposição estabelece uma relação de subordinação entre um termo primeiro e um termo segundo, configurando uma assimetria relacional entre os elementos do enunciado. Tal assimetria decorre do fato de que um dos termos assume a função de localizador, enquanto o outro se apresenta como termo localizado, o que implica uma relação de determinação semântica.

Nessa perspectiva, o esquema relacional retomado pelas autoras corresponde ao que a teoria denomina operador básico de localização ou orientação (*répérage*), no qual Y assume a função de localizador (*repère*) e X a de termo localizado (*repéré*). Trata-se, portanto, de uma relação não simétrica, em que Y funciona como fonte de determinação de X (Franckel; Paillard, 2007, p. 13). Esse modelo permite descrever a natureza semântica das preposições a partir de um sentido de base, sem recorrer a valores fixos ou listagens categóricas. Esse funcionamento pode ser observado na análise do enunciado:

(4) O aluno ficou em dúvida.

Para esse caso, as autoras propõem a seguinte glosa da relação preposicional: “Y (*dúvida*) se estrutura como zona delimitadora de certo estado de espírito para a qual X (*aluno*) é atraído e localizado, de sorte que Y envolve X” (Rocha; Vilela, 2021, p. 65). O estado de espírito é uma condição psicológica delimitada construída pela preposição *em*, que localiza o sujeito (*aluno*) como inteiramente imerso na dúvida, excluindo momentaneamente estados exteriores como a certeza ou a convicção. A glosa reconstrói a operação semântica instaurada pela preposição *em*, explicitando que o termo orientado é absorvido por um domínio homogêneo, *dúvida*, do qual não há exterioridade pertinente. Trata-se, assim, de uma

reconstrução operatória da relação estabelecida pela preposição, que torna visível o processo de localização semântica em jogo.

A parafraseagem, por sua vez, manifesta-se quando as autoras exploram as diferentes interpretações possíveis de um mesmo enunciado, como no caso de:

(3) O diretor chegou no meio do filme.

Duas leituras são apresentadas: em uma delas, a chegada do diretor é localizada temporalmente em um ponto intermediário do filme, sendo *o meio* interpretado como zona delimitada pela preposição *em*; na outra, evidencia-se um efeito de interrupção do processo em curso. Essas leituras constituem paráfrases orientadas pelos parâmetros ativados tanto pela preposição *em* quanto pelo verbo *chegar*, revelando distintas articulações possíveis entre os termos X e Y.

O uso da parafraseagem permite, assim, modelar as operações de significação, em consonância com o princípio culioliano de que não há um empírico unívoco, mas um jogo interpretativo regulado por operações enunciativas. Desse modo, a prática analítica da teoria apoia-se fundamentalmente nas operações de glosa e de parafraseagem, entendidas como instrumentos de descrição formal e interpretativa dos enunciados. Essas operações são essenciais não apenas para a compreensão da identidade semântica das unidades linguísticas, mas também para a explicitação dos parâmetros abstratos que condicionam sua variação e seu funcionamento enunciativo.

3.4 Glosa e a Parafraseagem nas Considerações sobre a Concordância de Número em Português Brasileiro

O artigo de Alves e Cumpri (2025) investiga o fenômeno do *blending*, ou empacotamento semântico, no âmbito da categoria de número no português brasileiro. O *blending* é descrito pelos autores como uma operação enunciativa pela qual o sujeito produz um enunciado formalmente marcado no singular, mas semanticamente interpretável como plural. Tal funcionamento é possível porque o valor de pluralidade pode ser ativado como um valor semântico-operatório, independentemente da presença de marcação morfológica explícita.

Para explicitar esse funcionamento, os autores recorrem à glosa como instrumento analítico fundamental. Por meio da glosa, tornam-se visíveis os traços que compõem a noção

associada ao marcador /mão/. Ao analisar o enunciado “*Vá lavar a mão*”, os autores observam que “materializamos a noção <ser mão, ser lavável, ter dedos, ficar localizado no braço, ter unhas, ter tendões, ter pele [...]>, transformando-a em uma forma linguística /mão/” (Alves; Cumpri, 2025, p. 32).

Esse trecho ilustra a glosa como uma operação que reconstrói a atividade nocional subjacente ao uso da forma linguística. Nesse caso, a forma /mão/ funciona como marcador de uma noção complexa, que pode ser interpretada como plural mesmo quando formalizada morfológicamente no singular. O empacotamento semântico permite que um conjunto de propriedades associadas à noção de mão seja ativado globalmente, sem a necessidade de pluralização formal.

A glosa articula-se, ainda, ao funcionamento dos operadores QNT (quantificação) e QLT (qualificação), centrais na TOPE. Esses operadores permitem distinguir se a ocorrência é tratada como parte de uma classe mais ampla (QNT) ou como entidade diferencial, qualitativamente estabilizada (QLT). Tal distinção reforça o papel da parafraseg como recurso analítico capaz de evidenciar variações nos valores construídos em discurso.

Para investigar esse funcionamento, os autores analisam os seguintes enunciados:

(5) Carlota passou a mão nos meus ombros.

(5a) Carlota passou as mãos nos meus ombros.

O enunciado (5a) constitui uma parafraseg explicativa de (5), cujo objetivo é tornar explícito um valor semântico já inferido pelo enunciador. A parafraseg controlada evidencia que a forma singular do marcador /mão/ funciona como *blending*, operando com base em propriedades cognitivas e culturais associadas à noção de corpo humano.

Desse modo, no estudo de Alves e Cumpri (2025), a glosa e a parafraseg configuram-se como estratégias operatórias essenciais para descrever a forma como a língua ativa noções e estabiliza, de modo provisório, valores semânticos no enunciado. Por meio dessas operações, torna-se possível compreender como um termo aparentemente simples, como /mão/, pode representar um conjunto plural, a depender das condições enunciativas. Assim, a TOPE reafirma o princípio de que a significação linguística não é produto direto das formas, mas resulta da atividade de linguagem que as põe em funcionamento.

3.5 Síntese conclusiva

A análise dos artigos de Pria (2018), Romero e Vilela (2020), Rocha e Vilela (2021) e Alves e Cumpri (2025) evidencia a centralidade da glosa e da parafraseagem como instrumentos metodológicos fundamentais no interior da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Em todos os estudos, essas operações não são mobilizadas como procedimentos auxiliares ou meramente explicativos, mas como ferramentas teóricas que permitem tornar visível o funcionamento semântico-enunciativo das formas linguísticas.

A glosa assume, de modo recorrente, a função de reconstrução operatória dos encadeamentos semânticos subjacentes aos enunciados, permitindo explicitar operações de referenciação, quantificação, qualificação, localização e modalização. Seja na análise do adjetivo *falso* (Pria, 2018), do verbo *romper* e da preposição *com* (Romero; Vilela, 2020), do operador de localização *em* (Rocha; Vilela, 2021) ou do marcador /*mão*/ no fenômeno de *blending* semântico (Alves; Cumpri, 2025), a glosa opera como um dispositivo de formalização teórica, evidenciando que o sentido não está dado na forma, mas emerge da atividade enunciativa.

A parafraseagem, por sua vez, é mobilizada como procedimento analítico que permite agrupar enunciados em famílias parafrásticas, revelando invariantes semânticas e, simultaneamente, a variação dos valores construídos em função das condições enunciativas. Ao explorar diferentes estabilizações possíveis - da confirmação à dúvida, da localização espacial à temporal, do singular formal ao plural semântico, a parafraseagem torna visível o caráter não unívoco da significação, reafirmando o princípio culioliano de que não há correspondência direta entre forma e sentido.

Em conjunto, os trabalhos analisados demonstram que glosa e parafraseagem operam de maneira articulada: enquanto a glosa permite explicitar e formalizar as operações semânticas que estruturam o enunciado, a parafraseagem evidencia a plasticidade interpretativa dessas operações em contextos diversos. Essa articulação confirma a concepção da linguagem como uma atividade de representação, referenciação e regulação, na qual os valores semânticos são construídos, negociados e estabilizados provisoriamente no discurso.

Assim, a síntese dos estudos analisados reafirma que, no quadro da TOPE, a significação linguística não é um produto das formas em si, mas o resultado do trabalho operatório do sujeito na e pela linguagem, trabalho esse que a glosa e a parafraseagem tornam metodologicamente acessível ao linguista.

4 Considerações finais

Propusemos, com base na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), refletir como pesquisadores culiolianos mobilizam os conceitos de glosa e parafraseagem em suas investigações linguísticas. Mais especificamente, buscamos descrever os fundamentos teóricos da TOPE que sustentam o uso desses procedimentos, identificar as diferentes formas de conceituação e de mobilização da glosa e da parafraseagem nos trabalhos analisados e compreender o papel que essas operações desempenham na construção do sentido enunciativo.

Para atingir esses objetivos, adotou-se uma metodologia bibliográfica e teórico-analítica, sem análise direta de unidades linguísticas. O estudo baseou-se na análise de quatro artigos científicos, publicados entre 2018 e 2025, selecionados pelo uso da glosa e da parafraseagem na perspectiva da TOPE, por meio de descrição e análise comparativa.

Obtivemos, como resultados, a compreensão de que a glosa e a parafraseagem ocupam um lugar central no âmbito da TOPE, configurando-se como procedimentos fundamentais para a descrição do funcionamento semântico-enunciativo das formas linguísticas. As análises evidenciaram que a glosa é mobilizada, predominantemente, como instrumento de explicitação das operações subjacentes à construção dos valores referenciais, o que possibilita descrever as operações que estruturam o processo de construção do sentido. Já a parafraseagem mostrou-se essencial para a observação da variabilidade dos valores construídos, ao agrupar enunciados em famílias parafrásticas e evidenciar a manutenção de invariantes sob diferentes estabilizações de sentido.

A análise comparativa revelou ainda que esses procedimentos não são utilizados de maneira uniforme entre os pesquisadores, mas variam conforme os objetos investigados e os objetivos analíticos de cada estudo, seja na análise do valor de “falso”, no funcionamento das preposições e prefixos, ou nas considerações sobre a concordância de número. Essa diversidade de mobilização confirma a flexibilidade da TOPE enquanto quadro teórico e reforça a concepção de que a significação não está dada nas formas linguísticas, mas resulta da atividade enunciativa e das operações cognitivas que a sustentam.

Por fim, este trabalho contribuiu para o aprofundamento do entendimento sobre os recursos operatórios da TOPE, especialmente no que diz respeito à glosa e à parafraseagem como instrumentos metodológicos de descrição linguística. A pesquisa fortaleceu nossa formação teórica e analítica, consolidando o interesse pelo estudo da construção do sentido na

perspectiva culioliana e oferecendo bases consistentes para o desenvolvimento de futuras investigações acadêmicas no campo da semântica operatória.

Referências

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Tome IV. Tours et detours. Limoges: Lambert-Lucas, 2018.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. **Grammaire des prépositions**. T.1. Paris: Ophrys, 2007. FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. Aspecto da teoria de Antoine Culioli. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-101.

MOREIRA ALVES, E.; CUMPRI, M. L. Considerações sobre a Concordância de Número em Português Brasileiro na Égide da Teoria Enunciativa de Culioli. **Revista De Letras - Juçara**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 22–36, 2025. DOI: 10.18817/rlj.v8i3.3937. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/3937>

PRIA, A. D. Semântica operatória de falso. **Revista do GEL**, v. 15, n. 2, p. 132- 146, 2018. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

REZENDE, L. M. **Contribuições da Teoria da Operações Predicativas e Enunciativas para o ensino de línguas**. Versão Beta: Sob o signo da palavra, São Carlos, ano VIII, n. VIII, p.7-28, 2010. ROCHA, E. G. L.; VILELA, T. R. dos. O estudo das preposições no PB: uma abordagem culioliana. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 2, p. 59-69, 2021.

ROCHA, E. G. L.; VILELA, T. R. dos. O estudo das preposições no PB: uma abordagem culioliana. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 2, p. 59-69, 2021.

ROMERO, M; VILELA, T. R. Preposição e Prefixo em PB: Uma Análise Transcategorial/Preposition And Prefix In Brazilian Portuguese: A Transcategorial Analysis. **Revista ECOS**, [S. l.], v. 29, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/5119>.